

Por Thais Britto, de Paraty -  
07.07.2012

## Arroz de festa

*Assíduos desde a primeira edição da Flip relembram os melhores momentos do evento*



Em 2003, Eric Hobsbawm circulava pelas ruas de Paraty. O então repórter Cassiano Elek Machado deu um jeito de almoçar com o historiador. O escritor Marcelo Moutinho tirou fotos com a grande estrela da primeira Flip e ainda arranjou uns minutos para um papo. Muita coisa mudou desde então, mas um grupo seleta foi testemunha das transformações da Festa Literária Internacional de Paraty ao longo de seus dez anos. São pessoas que estiveram em todas as edições do evento e recordam as melhores histórias.

Vanessa Aragão estava em plena transição entre a graduação em jornalismo e a pós em literatura quando ficou sabendo da primeira edição da festa. Entre as memórias daquele ano está uma palestra de Bernardo Carvalho, que ela viu sentada no chão, numa canga. Desde então, o ritual de viajar a Paraty se repete

todo ano. Ao longo deste tempo, ela fez amigas, e hoje a Flip é o encontro anual da turma.

A agente literária Lucia Riff tem histórico de jantares reunindo nomes como Luis Fernando Verissimo, Zuenir Ventura e Arthur Dapieve. Diferentemente de 2003, hoje ela briga com a agenda e se desdobra para estar em mais de 30 eventos diferentes por dia durante a Flip.

Edney Silvestre, que cobriu nove edições da festa como jornalista e participou, no ano passado, como escritor, lembra:

— Claro que dá uma nostalgia da primeira, porque era um barato estar ali do lado e falar: “E aí, seu Eric (o historiador Eric Hobsbawm), realmente acha que o capitalismo está despencando?”. Os autores ficavam dando mole no botequim. É claro que esta visão muitas vezes romântica que se tem da primeira Flip é ajudada pelo distanciamento. O jornalista Paulo Roberto Pires lembra que, desde 2003, era difícil comer em Paraty.

— Esse é um problema que nunca mudou. O Jon Lee Anderson, correspondente de guerra, dizia que era mais fácil almoçar em Bagdá do que em Paraty — lembra Paulo, que é contra a tradicional reclamação de que a Flip ficou cheia demais.

— Você faz um evento para quê? Para atrair gente, não é? Não entendo a lógica exclusivista de que só é bom quando tem pouca gente. A Flip virou o que ela pretendia ser, um momento importantíssimo no calendário literário do país. Para o escritor Marcelo Moutinho, a palestra da mineira Adélia Prado, em 2006, foi o momento favorito nestes dez anos.

— Existe uma espécie de construção de personagem para pessoas que dão palestras em eventos literários. A Adélia estava tão desmontada de todo esse aparato, foi tão sincera e comovente.

Vanessa se lembra bem da primeira participação de Salman Rushdie, em 2005:

— Depois de anos de reclusão, era a primeira vez que ele podia circular livremente. Ele era a pessoa mais feliz de Paraty, ficava andando pela cidade o tempo inteiro, conversando com todo mundo.

O português Valter Hugo Mãe, que esteve aqui no ano passado, foi outro campeão de citações entre os melhores momentos. Ele emocionou e surpreendeu a plateia numa mesa em que, como lembra Edney Silvestre, a estrela deveria ter sido a “bonitona argentina” Pola Oloixarac.

— Ele é uma pessoa muito quieta, na dele, parece um professor de escola secundária do interior. Mas a ofuscou completamente — afirma Edney.

Poder ver o lado descontraído dos autores é um charme a mais, na opinião de Cassiano, que participou da Flip como repórter, curador (em 2007), editor e, este ano, mediou, ontem, a, o papo entre Stephen Greenblatt e James Shapiro.

— Lembro de, em 2004, conversar com o Jeffrey Eugenides na rua, quando ele estava indo comprar bebida para o Martin Amis. Esse convívio com as pessoas em outro sentido, sem ser o formal, rende boas histórias. Outra memória é do Simon Schama, em 2009, dançando como louco e tirando a camisa. Alguns acabam perdendo o rumo quando descobrem a cachaça.

O escritor Henrique Rodrigues cunha o termo “a suspensão da descrença” para o clima da festa:

— A Flip tem um tempo que é suspenso. Você se desliga do mundo ordinário e fica num tempo-espaço extraordinário. É como se fosse um Facebook real da literatura. Está todo mundo lá.

Quem não é exatamente do meio literário, como a promotora Luciana Ferreira, tem uma reclamação: não ser convidada para as festinhas.

— Lamento que não exista na Flip uma festa que reúna os leitores e os mortais. Eles sempre comentam sobre as festas nas mesas do dia seguinte e nós ficamos só ouvindo.